

RELIGIÃO E CRENÇAS: UM ESTUDO DIALETOLÓGICO PARA AS VARIANTES CEMITÉRIO/CAMPO-SANTO E ALMA/ASSOMBRAÇÃO/LIVUSIA NO TOCANTINS – TO

RELIGION AND BELIEFS: A DIALECTOLOGICAL STUDY FOR CEMETERY / HOLY FIELD AND SOUL/ HAUNTING/LIVUSIA VARIANTS IN TOCANTINS – TO

Tassita Kamassagre Ferreira Alves 1
Greize Alves da Silva 2

Resumo: O objetivo do presente trabalho foi averiguar sob a ótica dos construtos teóricos da Dialetoologia Pluridimensional, a distribuição das variantes obtidas por meio das indagações: 118 - Em qual local enterramos os mortos? e 119 - O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?, inseridas no banco de dados do Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALITTETO, 2018). As respostas trabalhadas foram fornecidas por 96 informantes, estratificados por sexo (masculino e feminino), mobilidade (Topoestático e Topodinâmico) e idade (18 a 30 e de 50 a 65 anos) e coletados em 12 localidades tocantinenses. Os dados dialetais foram transcritos, tabulados, analisados e dispostos em cartogramas linguísticos, com a finalidade de demonstrar a distribuição diatópica das variantes lexicais presentes no campo semântico “Religiões e Crenças”.

Palavras-Chave: Religião e Crenças. ALITTETO. Dialetoologia Pluridimensional.

Abstract: This study aimed to investigate from the theoretical constructs of multidimensional dialectology perspective the variants obtained through the questions: 118 - Where do we bury the dead? and 119 - What some people say they have already seen at night, in cemeteries or in houses which are said to be hereafter?, inserted in the database of the Topodynamic and Topostatic Linguistic Atlas of Tocantins State (ALITTETO, 2018). The answers were provided by 96 informants, stratified by sex (male and female), mobility (Topostatic and Topodynamic) and age (18 to 30 and 50 to 65 years old) and collected in 12 Tocantins localities. Dialectal data were transcribed, tabulated, analyzed and organized in

Possui graduação em Abi - Letras pela Universidade Federal do Tocantins (2016). Foi bolsista na modalidade Pivic/ Pibic na Universidade Federal do Tocantins. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: dialetologia, sibilante, Tocantins, sociolinguística e geografia linguística.
E-mail: tassyt_kamassagre@hotmail.com

Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Professora adjunta do curso de Letras, da Fundação Universidade Federal do Tocantins, câmpus de Porto Nacional. Autora do Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALITTETO). Coordena o Projeto Falares no Tocantins: Plurivarietalidade Dialetal e Contexto Migratório. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística e Dialetoologia. Membro do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALIB.
E-mail: greize_silva@yahoo.com.br

Introdução

A Dialetoлогия, seja em sua essência mais tradicional, puramente diatópica, ou mais recentemente Pluridimensional, atrelada ao contexto social, preocupa-se em revelar a multiplicidade dos fatores variacionistas nos aspectos semântico-lexicais, morfossintáticos e fonético-fonológicos, pois a língua é caracterizada como um sistema heterogêneo, remodelando-se a cada geração e à necessidade comunicativa do falante.

Nascentes aponta para a importância dos estudos da língua em uso ao afirmar que “uma língua não se espalha através de uma região sem alterar-se aqui ou ali” (NASCENTES, 1960, p. 253). Desta forma, ressalta a importância dos trabalhos dialetais em nosso País, dada a vasta extensão territorial e a variada composição étnico-cultural brasileira, tendo em vista que cada região possui uma história por trás de seus termos lexicais, que podem ser modificados no decorrer do tempo, do espaço geográfico e da cultura.

A exemplo, tem-se o Estado do Tocantins que vem passando por sucessivas e progressivas modificações em seu processo histórico e social, a partir das primeiras explorações dos portugueses ao antigo norte goiano até a sua emancipação política. É um local caracterizado pelo forte processo de migração de pessoas provenientes de outras regiões do Brasil. Tal aspecto é de suma importância para a compreensão dos falares junto à população tocaninense, pois os fatores extralinguísticos estão atrelados a dimensão dialetal no Brasil, com incorporações não só regionais, mas também empréstimos linguísticos provenientes das línguas em contato dos falantes alóctones.

Ao observar o contexto Pluridimensional tocaninense, escolheu-se trabalhar com as questões coletadas pelo Projeto ALiTETO - Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoes-tático do Tocantins: 118- *Em qual local enterramos os mortos?* e a 119- *O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?*. Justifica-se essa escolha pela necessidade de entender o falar tocaninense sob a ótica dos aspectos culturais, geográficos, sociais e econômicos, pois as crenças e as religiões fazem parte do cotidiano das pessoas desde os primórdios, juntamente com os mitos e as possíveis explicações a cada designação.

As Contribuições da Dialetoлогия para a Descrição do Português Falado no Tocantins

O Brasil é caracterizado pelo plurivarietalidade dialetal, decorrente de suas raízes históricas e culturais; recebeu incorporações linguísticas corriqueiras como os neologismos¹ e os regionalismos², dentre outros. E com a chegada dos portugueses ao Brasil, as incorporações linguísticas estavam apenas começando, haja vista que o país recém “descoberto” receberia grupos migratórios de diversos lugares do mundo, difundindo-se com o contato direto do idioma lusitano com o falar da população autóctone (povos indígenas) e, posteriormente, também recebendo influência dos dialetos usado pelos africanos trazidos para o Brasil na condição de escravos.

Tal fato constitui-se de grande valia para o enriquecimento vocabular do Português Brasileiro, tendo em vista que as dimensões geográficas e históricas são contribuintes diretas no processo de expansão de uma língua. Assim se refere Cardoso:

[...] assim, o espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica a área, às próprias bases linguísticas preexistentes e à interferência de

¹ Emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não atribuição de novos sentidos a palavras já existentes na língua unidade léxica criada por esses processos. (HOUAISS, 2009).

² Caráter de qualquer obra (música, literatura, teatro etc.) que se baseia em ou reflete ou expressa costumes ou tradições regionais. (HOUAISS, 2009).

outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso da história. (CARDOSO, 2010, p.15).

Com a ampliação do vocabulário, a diversidade linguística, sociocultural e socioeconômica precisava ser ampliada, pois as barreiras geográficas haviam sido rompidas e novas designações linguísticas foram criadas com o contato direto de itens lexicais oriundos das línguas dos povos nativos e dos demais referentes. Para Isquierdo (2003): “a miscigenação de etnias gerou particularidades que se manifestam de formas distintas, consoante à região nos hábitos linguísticos – culturais da população brasileira”. (ISQUERDO, 2003, p. 167)

A mistura das diferentes culturas e hábitos gerou e ainda gera particularidades na fala, afirmando ainda mais a difusão dos traços dialetais presentes nos diferentes Estados, decorridos do constante processo de migração, pois “as palavras migram como os povos e que, assim como estes, ora se fixam em um determinado espaço geográfico ora continuam deslocando-se para outros territórios” (ISQUERDO, 2003, p. 169). Tais mudanças influenciam na variação da língua, no uso e costumes da população inserida em dada localidade.

Nesse entendimento, merece destaque as contribuições fornecidas pela Dialetologia Pluridimensional e Relacional, conceituada por Thun (1998, p. 705), com o objetivo de descrever a superfície tridimensional que compõe o cenário variacionista. O princípio esquemático elencado pelo autor alia, em primeiro plano, a diatopia areal preterida pela Dialetologia Tradicional, com o segundo plano, os preceitos da Sociolinguística (vertical) e a estratificação dos informantes. Juntos, ambos os planos dariam conta da superfície tridimensional da variação.

O poliformismo dialetal trabalhado por essa vertente enquadra-se justamente em realidades como a do Tocantins, dado seu caráter multivarietal, decorrente da formação étnica híbrida, ou seja, onde em uma mesma superfície convivem falantes nascidos e estabelecidos no Tocantins, juntamente com migrantes de diferentes estados brasileiros. Ressalta-se que a própria posição do espaço tocantinense, localizado no centro-norte do país contribui para essa realidade, uma vez que faz fronteira com seis unidades federativas: Pará, Mato Grosso, Goiás, Piauí, Bahia e Maranhão.

Nesse panorama, em acordo com a Dialetologia Pluridimensional, tem-se a chamada dimensão diatópico-cinética, que contrasta variantes coletadas juntos aos informantes estáticos à localidade com falantes demograficamente móveis, ou seja, procedentes de migrações e ou deslocamentos. Para Altenhofen e Thun (2016), falantes mais fixos à localidade possuem tendência mais conservadora, centrípeta, enquanto os informantes procedentes de migrações, os topodinâmicos, adotam uma postura mais inovadora ou sujeita à mudança linguística (centrífuga).

Considerações Acerca do Léxico do Português

O léxico é o reflexo das constantes incorporações linguísticas ocorridas no decorrer do tempo na língua portuguesa, pois expressa a renovação e a realidade dos falantes de dada comunidade. Costa (2012) aponta:

O léxico é o acervo vocabular de uma língua, utilizado pelo homem para nomear a realidade ao seu redor, transmitir ideias e mesmo para organizar pensamentos. Esse repertório lexical reflete aspectos culturais da sociedade que o utiliza e seu estudo propicia não só um melhor conhecimento não só da língua em uso por um dado grupo social, como também fornece pistas sobre o modo de viver e de pensar desse mesmo grupo, além de propiciar subsídios para a identificação de influências interétnicas incorporadas pelo a cervo lexical de uma língua (COSTA, 2012, p.16).

Nota-se que o léxico carrega o repertório extralinguístico³, em conformidade com a realidade social dos diversos grupos, sendo capaz de identificar as incorporações preexistentes na língua. Dessa forma, fatores condicionantes como as relações sociais, familiares, culturais e econômicas servem para identificar a origem de cada grupo nos espaços sociais. Para Biderman (1998):

O léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos referentes, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano do conhecimento do universo. (BIDERMAN, 1998, p. 98.).

Assim, o percurso histórico do léxico transpassa períodos que antecedem o “descobrimento” do Brasil, haja posto que diante das inúmeras incorporações pré-estabelecidas o léxico internaliza-se à realidade vivenciada por cada falante. Para Vilela (1994)

[...] o léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade linguística e arquiva o saber linguístico numa comunidade[...] o léxico é o repertório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes numa comunidade. (VILELA, 1994, p. 6).

Observa-se que o léxico é condicionado às vertentes históricas, como aponta Biderman (2008), a realidade linguística ressaltada por Vilela (1994) e aos aspectos culturais e sociais de Isquierdo (2003) e Costa (2012). Então, para compreender a fala de dada comunidade de falantes, é necessário conhecer as disposições da língua, estabelecer relação com a ciência que tem como foco “a análise da significação das palavras”, classificá-las e expor todo o vocabulário utilizado por um grupo de falantes, bem como os seus significados (BIDERMAN 2001, p.17).

A Metodologia do Trabalho

A análise que aqui se apresenta deu-se a partir da coleta *in loco* com base em um recorte do questionário do “Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins – ALITTETO” (SILVA, 2018), em 12 localidades do Tocantins, a saber, Araguaatins, Araguaína, Tocantinópolis, Paranã, Formoso da Araguaia, Porto Nacional, Palmas, Pedro Afonso, Mateiros, Natividade, Araguacema e Gurupi.

Os informantes são discriminados da seguinte maneira: quatro topoestáticos, ou seja, pessoas nascidas na localidade, e quatro informantes topodinâmicos, indivíduos não nascidos na localidade, mas que possuem, no mínimo, 10 anos de estadia no local de pesquisa. Os informantes da primeira faixa etária possuem idades entre 18 a 30 anos, da segunda faixa: 50 a 65 anos; totalizando 91 informantes. A escolaridade dos oito informantes de cada localidade não excede o Ensino Médio.

As questões aplicadas durante os inquéritos para a análise dos itens lexicais em questão foram as seguintes: *QSL – 118 Em qual local enterramos os mortos?* e *QSL – 119 O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?*

O *corpus* do trabalho constitui-se da averiguação etimológica, da significação, da

³ Que não pertence ao sistema da língua, mas que se assoa à aplicação deste na produção e na compreensão dos enunciados no que tange ao sujeito e/ou à situação, e ao conhecimento de mundo que os falantes compartilham (HOULISS, 2009).

historicidade de cada item lexical. Sendo assim, foram consultados dicionários referentes ao tema proposto: “*Dicionário do Folclore Brasileiro*” (CAMÂRA CASCUDO, 1964), “*Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*” (HOUAISS, 2009), “*Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*” (AULETE, 1988).

Análise Geral para as Lexias Cemitério e Campo Santo

Ao todo, para a pergunta 118 – *Como se chama o lugar onde enterram os mortos?* foram coletadas 139 respostas, distribuídas pelas variantes descritas no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 - Distribuição das variantes para o lugar onde se enterram os mortos.

Variantes		Porcentagem
Cemitério	95	68,35%
Campo-santo/Terra-santa	40	28,78%
Cidade-dos-pés-juntos	4	02,88%
Total	139	100%

Fonte: Silva (2018).

Em geral, a forma *cemitério* obteve o maior percentual, com um total de 68,35%. A segunda maior obtenção foi para *campo-santo/terra-santa*, com 28,78%; a forma *cidade-dos-pés-juntos* chegou apenas a 2,88% dos casos.

A variante mais produtiva, *cemitério*, segundo Aulete (1958) tem origem no grego *koumetérion* e, posteriormente, no latim *coemiterium*, sendo conhecido como terreno descoberto, em que se enterram ou guardam defuntos. Terreno reservado para os cadáveres dos irracionais. Lugar em que a morte faz vítimas (AULETE, 1958, p. 1328). Os cemitérios passam a ser visto como o local de descanso eterno, um lugar para dormir, “o dormitório” infindável.

A palavra *cemitério* no século XII teve uma construção imagética que foi modificada ao passar dos séculos. Na centúria referida o *cemitério* designava “campo morto” e não era uma nomenclatura específica para o lugar onde se enterravam os mortos. Segundo Àires, qualquer ambiente imaginado como lugar sem vida, com um bosque queimado, uma planta congelada ou um rio sem peixe e com águas sujas, em essência, *cemitério* (ÀIRES, 1958, p. 250).

Como visto, para ser considerado um local de descanso eterno, os cemitérios deviam apresentar certas características: possuir plantas mórbidas, sem vida, aspectos esses que levassem a crer que a morte ou o ato de morrer permaneceria intacto. Portanto, os cemitérios eram afastados dos centros por serem considerados a “cidade dos mortos”.

Outra designação para o verbete *cemitério* pode ser encontrada em Rezende (2007) que também faz remissão a segunda variante coletada nesse no *corpus*: *campo-santo/terra-santa*, “[...] que se referia ao local onde se dormia. Essa apropriação do termo ocorreu [muito depois] pela igreja católica [...] onde os cristãos eram enterrados nos *campos santos* onde esperavam a ressurreição enquanto dormiam em sono profundo”. (REZENDE, 2007, p. 12). Houaiss (2009) diz que *campo santo* é sinônimo de *cemitério*.

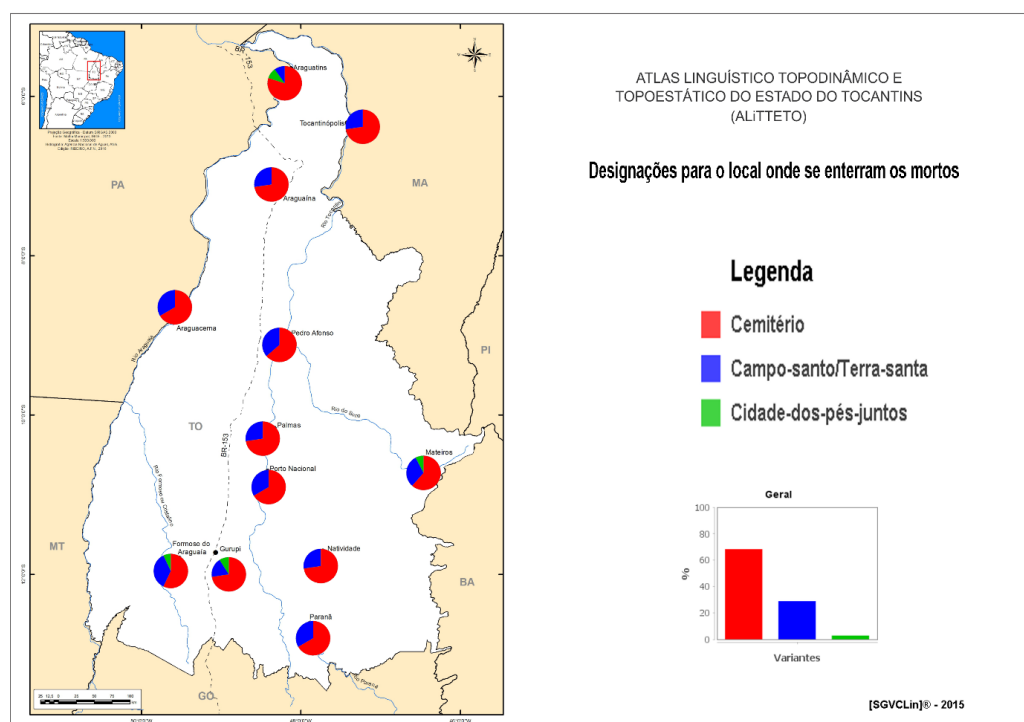
Foram consultados ainda o dicionário de Luft (2000) em que *cemitério* que dizer lu-

gar onde se enterram cadáveres e guardam despojos humanos. Para Rios (2010), trata-se da região insalubre e epidêmica, onde morrem muitas pessoas, lugar onde existem muitos objetos deteriorados, destruídos, lugar deserto e silencioso.

Quatro informantes citaram *cidade-dos-pés-juntos* para designar o local onde se enterram os mortos: 2,88%. A forma não está dicionarizada em Houaiss (2009), possivelmente por se tratar de expressão utilizada informalmente, como evidenciado em dicionários coloquiais na internet: “Brigou com dois e terminou na **cidade dos pés juntos**” (DICIONÁRIO INFORMAL, [s/d] [grifo nosso]).

Quanto a distribuição diatópica das variantes, disposta no cartograma 01 a seguir, nota-se que as duas formas mais produtivas, *cemitério* e *campo-santo/terra-santa*, possuem distribuição uniforme pelo espaço de pesquisa.

Figura 1: Cartograma ilustrativo da distribuição diatópica para as variantes QSL 118.



Fonte: Silva (2018).

Predomina a variante *cemitério*, demonstrada na cor vermelha, e coletada nas 12 cidades de pesquisa. Em menor incidência, mas com distribuição também uniforme pelas localidades, está *campo-santo/terra-santa*. Por fim, demarcadas em cor verde está a forma *cidade-dos-pés-juntos* nas cidades de Araguaína, Mateiros, Formoso do Araguaia e Gurupi, não demonstrando ligação histórica ou social entre essas localidades situadas em distintos pontos do Estado.

A partir da fala dos informantes, verifica-se a diferenciação entre os termos *cemitério* e *campo santo*.

INQ.- O que é mais comum aqui?

INF.- *Campo santo*.

INQ.- Que legal.

INF.- O pessoal chama muito... Assim, depende, né. Tem um pessoal que fala, tem muita gente que fala *campo santo*, e tem muita gente que fala *cemitério*.

INQ.- Você fala mais o quê?

INF.- *Cemitério*. [...]

INQ.- Mesmo lugar? Quem chamava de cemitério ou quem chama, são os mais velhos?

INF.- Não, eu acho que quente chama de cemitério é os mais novos e o povo mais velho chama campo santo. (Formoso do Araguaia, informante 02).

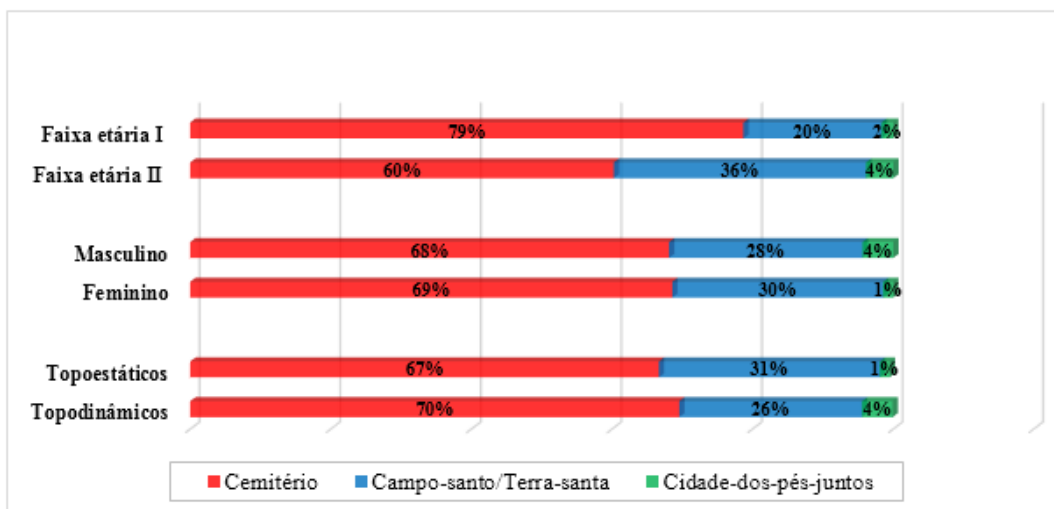
INF. - Os mais velho Os mais velhos fala que é ciunitério, campo santo. (Porto Nacional, informante 06).

INQ.- Você estranhou quando as pessoas falaram que era campo santo?

INF.- É, porque assim... lá campo santo é na cidade, den'da cidade assim. Na beradinha da cidade. Aqui não, é lá longe. (Formoso, informante informante 06).

As próximas análises versarão sobre as variáveis trabalhadas: idade, sexo e tipo de mobilidade e estão distribuídas no Gráfico 1 a seguir:

Gráfico 1 - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 118).



Fonte: Silva (2018).

A forma *cemitério* predomina em todos os segmentos sociais: faixa etária, sexo e mobilidade. Algumas nuances podem ser descritas a esse respeito.

Em ambas as faixas etárias, a maior ocorrência foi para vocábulo *cemitério*, demonstrando maior propensão na fala dos jovens, faixa etária I. Apesar do predomínio de *cemitério* nos menos jovens, 50 a 65 anos, nota-se tendência aos informantes da segunda faixa etária a utilizarem a forma *campo-santo/terra-santa*: 36%, isto é, os informantes da segunda faixa etária repetiram mais vezes esta lexia e os mais jovens citaram em 20% dos casos, podendo indicar que *campo santo* está mais restrito ao falar dos mais velhos.

Sobre a variável sexo, a lexia *cemitério*, predominante no falar dos homens e das mulheres e representa mais de 60% dos casos. *Campo-santo/terra-santa* apresenta leve tendência a ser mais utilizado pelo grupo feminino. As informantes do sexo feminino proferiram apenas um vez *cidade-dos-pés-juntos*, enquanto os homens representam um maior percentual para o uso dessa forma.

Por fim, sobre variável a mobilidade, ou seja, as variações ocorridas nas respostas dos informantes nascidos, em contraste com os não nascidos nas 12 localidades pesquisadas, observa-se que também não houve substanciais variações. Há leve tendência de os informantes topoestáticos usarem mais *campo santo/terra-santa* e, em contrapartida, os não nascidos, topodinâmicos, apresentam mais respostas para *cidade-dos-pés-juntos*,

Análise Geral para as designações para a questão 119- O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casa abandonada, que diz ser de outro mundo

Neste tópico trabalham-se as respostas para a pergunta 119 - O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casa abandonada, que diz ser de outro mundo, inserida no QSL- Questionário Léxico Semântico, do ALITETO, cuja respostas estão no Quadro 2 a seguir:

Quadro 2: Distribuição das variantes para a entidade de outro mundo.

Variantes		Porcentagem
Alma [assombrada/penada/perdida]	49	29,52%
Assombração	45	27,11%
Visagem/visão	27	16,27%
Fantasma	26	15,66%
Espírito	8	4,82%
Defunto	4	2,41%
Livusia	4	2,41%
Vulto	2	1,20%
Aparição	1	0,60%
Total	166	100%

Fonte: Silva (2018).

A maior produção ocorrida foi para a lexia *alma* e seus agrupamentos [assombrada/penada/perdida], pouco mais de 29%, a segunda maior ocorrência deu-se diante da palavra *assombração* com 27%, em seguida, *fantasma* com 16% dos casos, *visagem/visão*: 15%; as demais variantes obtiveram menores índices, tais como *fantasma*, *espírito*, *defunto*, *livusia*, *vulto* e *aparição*, somando, no total 11,17%.

Ferreira (1986) designa *alma* como o “princípio espiritual do homem concebido como separável do corpo e imortal” e com a marca popular registra a acepção “*alma* do outro mundo; *fantasma*”. Há ainda o registro da expressão *alma* de outro mundo na acepção de *fantasma* e alma penada como “espectro de morto que o povo crê vagar pela Terra”. Essa significativa ocorrência de *alma* e de suas variantes pode decorrer da influência da vertente cristã, presente na vida dos falantes com seus dogmas e doutrinas.

No caso do uso dessas unidades lexicais para nomear o referente normalmente designado de *fantasma* resulta da crença de que o homem é constituído de corpo (físico) e alma (imaterial). Logo, os conceitos de *alma* e de *espírito* são abstratos, não palpáveis.

Assombração possui a segunda maior produtividade (27%). Este item é designado como “pavor motivado pelo encontro ou *aparição* imaginária de coisas sobrenaturais” (FERREIRA, 1986). Para Houaiss (2009) *assombração* é o ato ou efeito de assombrar, sentimento de terror causado por coisas que não se podem explicar e que frequentemente são interpretadas como sobrenaturais alma do outro mundo, fantasma, sombração.

sombro, avejão, espectro ou espetro, mal-assombrado, mal-assombramento, mal-assombro, marmota, papa-gente, pirlampagem, simulacro, sombra, visagem, visão, visonha.

O imaginário sobre os seres de outro mundo pode ser expresso no seguinte relato do informante de Formoso do Araguaia:

INF.- Alma assobrada... fala assombração, né? Eu falo assim, né? Eu entendo assim, né? Fantasma não 'que ninguém vai ver o fantasma, né? Mais tem gente que ainda fala que é fantasma, né?

INQ.- Seu pais diziam outro nome quando era mais jovem, quando eles...?

INF.- Em primero lugar, meu pai num andava sozinho de noite que ele tinha medo de fantasma (risos), não, meu pai num andava... Pra saí sozinho de noite minha mãe tinha que ir junto, num saia não, minha fia, nem pa ir no quintal assim, ele chamava: "Vom borá lá Zita, vamo lá", minha mãe ficava puta com ele, ia brigano com ele, tinha que ir os dois. Meu veinho num ficava sozinho não, tinha um medo danado. Diz que ele um fantasma puxo, já viu fantasma puxá a perna de alguém? (risos). Só meu pai mehmo. "O fantasma puxo minha perna", mas foi o povo fazeno zuera com ele e ele tomô medo, ele ficô com medo assim que num andava do lado de fora de jeito nenhum de noite, escuricia e ele ficava queitinho den' de casa, fico com trauma. (Formoso, informante 04).

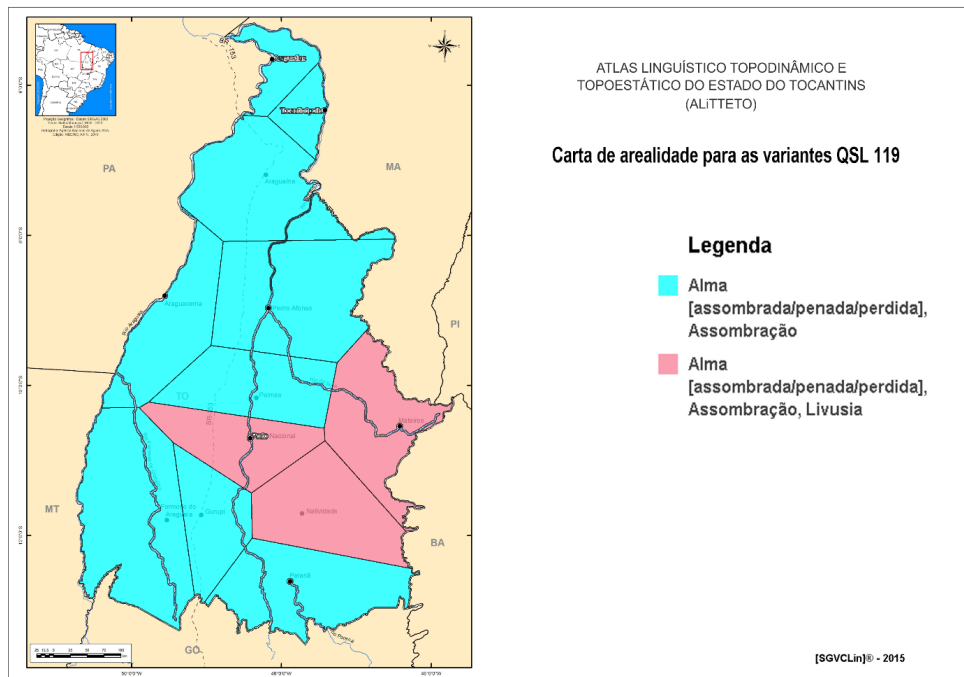
A lexia *espírito* foi expressa em quase 5% dos dados e ocorre de forma esparsa nas cidades tocantinenses, em seis cidades, mas sem aparente conexão histórica entre si. Houaiss (2009) o defini como "a parte imaterial do ser humano; alma", "entidade sobrenatural ou imaginária, como os anjos, o diabo, os duendes."

De forma menos produtiva, coletaram-se as formas *defunto*, *livusia*, *vulto* e *aparicção*. Nesses casos menos incidentes, chama a atenção *livusia*, obtida apenas em três localidades: Porto Nacional, Mateiros e Natividade, o que vai ao encontro dos postulados por Silva (2018) quando estabelece uma divisão dialetal do Tocantins em duas grandes áreas: A-Tocantins Antigo e B-Tocantins Contemporâneo. Segundo a autora:

i) Área A – Tocantins antigo, de composição inicial no século XVIII, situada no Sudeste do estado, primeiras localidades do ainda Norte goiano, que abrigaram minas no período colonial e que atualmente estão distantes da BR-153. As localidades que compõem essa área são principalmente Natividade e Paranã, atuando como núcleos linguísticos irradiadores para outras três localidades mais ao centro: Porto Nacional e Palmas, e para a lateral leste: Mateiros; as formas coletadas nessa região vinculam-se predominantemente ao Nordeste brasileiro e apresentam caráter mais rural. (SILVA, 2018, p.193).

A carta de arealidade demonstra a área de ocorrência das variantes *alma*, *assombração* e *livusia* no espaço pesquisado.

Figura 2: Cartograma ilustrativo das áreas dialetais de ocorrência das variantes *alma*, *assombração* e *livusia* - QSL 119.



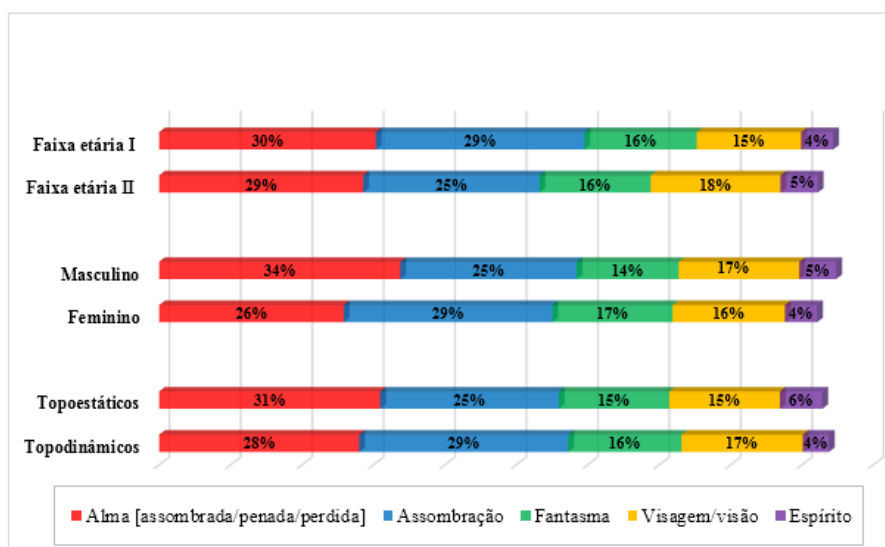
Fonte: Silva (2018).

Em azul claro estão as áreas de ocorrência das duas variantes mais produtivas alma e *assombração*; a cor rosa indica que as duas primeiras variantes também foram coletadas, mas além delas, nessa área ocorreu *livusia*, formando uma isoléxica, ou seja, um espaço delimitado de ocorrência de uma forma lexical, corroborando a área descrita por Silva (2018).

Livusia é definida por Aulete (1958) como: impressão, fobia, assombração. Já Ferreira (1986), nomeia a “imagem vã, que se acredita ver em sonhos, ou por medo, loucura, superstição; visagem”, sinônimo de fantasma.

Sobre as variáveis sociais: idade, sexo e mobilidade, o Gráfico 2 apresenta a distribuição das cinco variantes mais produtivas.

Gráfico 2 - Distribuição percentual por variáveis extralinguísticas (QSL 119)



Fonte: Silva (2018).

No recorte etário, nota-se que ambas as faixas etárias demonstram certa paridade nas respostas, *assombração* apresenta leve tendência nos jovens, enquanto nos menos

jovens há maior propensão para *visagem/visão* (18%).

Apesar de não constar no gráfico pela baixa produtividade, *lisuvia* está mais presente na segunda faixa etária: 3,9% (três respostas), enquanto nos jovens apenas 1,12% (uma resposta), podendo indicar se tratar de forma ligada aos informantes mais antigos, um arcaísmo, em vias de desaparecimento.

A variável sexo demonstra algumas nuances interessantes: a variante mais utilizada pelo grupo masculino é *alma*, enquanto as mulheres preferem *assombração*. *Fantasma* ocorre mais no grupo feminino do que no masculino. Outra questão refere-se ao número de respostas fornecidas para o questionamento: os homens forneceram 77 respostas, enquanto as mulheres 89, o que pode denotar maior conhecimento do referente pelo núcleo feminino.

A mobilidade do informante também aparenta relevância, apesar dos percentuais diferenciativos serem pequenos: os topoestáticos, nascidos nas localidades, proferem como primeira resposta *alma*, enquanto os topodinâmicos optam por *assombração*. Há também maior preferência do falante alóctone a formas como *fantasma* e *visagem/visão*. Sobre *livusia*, das quatro respostas coletadas para essa forma, três pertencem aos informantes topoestáticos, podendo indicar que essa lexia seja mais restrita aos grupos das localidades.

Considerações Finais

A partir do levantamento dos dados e da pesquisa *in loco*, é notório que o Tocantins representa uma unidade federativa que recebe grande contingente de pessoas nascidas em outras cidades, estados e regiões, contribuindo assim para o crescimento da variação linguística local.

Em termos gerais, sobre o primeiro questionamento analisado, a população pesquisada conhece como *cemitério*, seguida de *campo-santo/terra-santa*, que pode ser considerada forma mais eufêmica que *cemitério*, além de estar estritamente ligada a noção religiosa, sobretudo católica.

Sobre o segundo questionamento, as entidades procedentes do outro mundo, notam-se várias designações para a mesma forma, caso constado diante dos itens *alma/assombração/livusia*, denotando caráter polissêmico, principalmente para a questão que buscava a nomeação da entidade de outro mundo. Além disso, evidenciou-se, a partir do item *livusia* uma tendência ao léxico mais regional e restrito aos informantes mais velhos nas localidades que compõem a área mais antiga do Estado.

Referências

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; THUN, Harald. **As migrações e os contatos linguísticos na Geografia Linguística do Sul do Brasil e Bacia do Prata**. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira (Orgs.). *A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: Eduel, 2016, p. 371-392.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 1958.

AULETE, Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 5ª ed., Rio de Janeiro: Delta, 1958.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **As ciências do léxico**. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de, _____, Maria Tereza Camargo. *Filologia e Linguística Portuguesa*. Unesp, Campus de Araraquara. 1998.

CARDOSO, S. A. *Geolinguística. Tradição e Modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CASCUDO, Luís Câmara, **Dicionário do Folclore brasileiro**/ Luís da Câmara Cascudo-11. Ed, edição ilustrada – São Paulo: Global, 2002.

COSTA, Daniela de Souza Silva. **O léxico indígena nas capitais brasileiras**: um estudo geolinguístico. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em:<<https://www.dicionarioinformal.com.br/>>. Acesso em 01 agost. 2019.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3.ed. rev. atual. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss eletrônico**. Instituto Antônio Houaiss. Objetiva, 2009.

ISQUERDO, Aparecida Negri (Org). **As Ciências do Léxico**. Lexicologia, lexicografia, terminologia. 2ª ed., Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 13-22.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **Léxico em tempo e espaço**: a questão dos regionalismos. In: MARIN, Jérri Roberto; VASCOENLOS, Cláudio Alves de (Org.). História, região e identidades. Campo Grande, MS: Ed.: UFMS, 2003.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **A propósito de Dicionários de Regionalismos do Português do Brasil**. Ed: UFMS, Assoc. Humanistas, Campo Grande, 2007.

LUFT, Celso Pedro, **1921-minidicionário** Luft colaboradores Francisco de Assis Barbosa, Manuel da Cunha Pereira: organização e supervisão Lya Luft. São Paulo: Ática, 2000.

NASCENTES, Antenor. **O Idioma Nacional**. 3 ed. Rio de Janeiro. Livraria Acadêmica, 1960.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **Metrópole da Morte necrópole da vida**; um estudo geográfico de cemitério da Vila Formosa. São Paulo: Cartago Editorial, 2000.

RIOS, Dermival Ribeiro, **Minidicionário escolar da língua portuguesa**/ Dermival Ribeiro Rios. São Paulo, 2010.

SILVA, Greize Alves da. Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALITTETO). 2018. 2v. **Tese** (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

THUN, Harald. **La geolingüística como lingüística variacional general** (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21.: 1995: Palermo). Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. (Orgs). Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p. 787-789.

VILELA, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português**. Almeida, Coimbra, 1994.

Recebido em 10 de agosto de 2019.

Aceito em 4 de setembro de 2019.